

# Há nuvens no horizonte

Otávio Tirso de Andrade

O estado desmoroado do PDS ainda é notícia de primeira página. Mas outros aspectos da atualidade política merecem atenção e comentários. Por exemplo: o que estarão a fazer para preservar privilégios os patrões das grandes estatais? Obviamente, não dormitam em dias tão agitados. No transecurso da votação do projeto da informática no Congresso, o pacto entre os coronéis da SEI e o bloco xenófobo-esquerdista da oposição funcionou muito bem. Qual será agora a trama de uns e outros para manter o Brasil isolado do mundo?

O trabalho do jornalista consiste em registrar o que existe, mesmo quando o público ainda não tomou conhecimento da realidade. Consignemos sem rodeios, portanto, que as luzes prenunciadoras da Nova República já iluminam nuvens a sombrear o ambicionado alvorecer.

Após ter início o novo governo, veremos logo se o jacobinismo terá meios de vencer, mais uma vez, a luta contra o bom senso realista dos democratas. No caso de vir o Brasil a dar-se como país "terceiro mundista", novas oportunidades de progresso social irão por água abaixo.

A questão parece-me de meridiana clareza. Não pode o nosso país desenvolver-se plenamente com recursos próprios. A conjuntura financeira internacional e o nível de endividamento a que chegamos não

permitirão aos governantes recorrer, como outrora, a empréstimos particulares. Tudo quanto precisamos não está à nossa disposição nos orçamentos dos países ricos. Se o tercio-mundismo grasnar aqui tal como ao tempo do "petróleo é nosso", o capital particular estrangeiro fugirá de nós. Os empregos em número bastante para a população crescente deixarão de ser criados. Mais dia menos dia a insatisfação das massas populares, manifestada na rua, poderá abrir o caminho do poder a um demagogo qualquer — um Jânio ainda pior do que o original ou um Brizola kadafiano-peronista. Na hipótese de ocorrer tal desgraça, a maior nação do Continente poderá subdividir-se lá pelos meados do ano 2000. Quem viver, verá.

O povo, em geral, e a juventude universitária, em particular, precisam compreender que a atribuição das causas da pobreza nos países subdesenvolvidos a multinacionais e a outros duendes sortidos é uma falácia, uma impostura a que recorrem para ficar no poder governos ditatoriais incompetentes. Assume contornos de verdadeira desfaçatez falar em exploração capitalista do Terceiro Mundo quando, a partir da crise do petróleo, vemos estes países absorverem, globalmente, empréstimos que chegam a 600 bilhões de dólares! Quem embolsou tanto dinheiro tem direito de declinar qualquer responsabilidade na situação

de miséria dos povos que governam? Artigo que escrevi há alguns anos chamava a atenção para a circunstância de as dívidas brasileiras haverem, certo dia, ultrapassado em dólares constantes o montante global dos créditos do Plano Marshall! A culpa de não termos obtido, com o emprego desses recursos aqui, o progresso que salvou a Europa Ocidental do comunismo é dos nossos governantes ou de meia dúzia de grandes capitalistas que dormitam nas poltronas dos hotéis situados em torno do lago Lemán?

Qual é a diferença entre o dinheiro recebido em doação e o de empréstimos não pagos? Nenhuma, evidentemente. Ora, a absorção dos enormes recursos não produziu resultados benéficos às massas necessariamente por culpa de administrações incompetentes e corrompidas. Esta é a cristalina verdade. Os dois maiores devedores aos bancos internacionais — o México e o Brasil — não são países pobres. Entretanto a maior parte das respectivas populações regeta na mais cruel miséria. A responsabilidade por isso é do Bank of America, da Esso, ou dos governos do México e de Brasília? O jacobinismo apregoa que nossos deploráveis governos não têm nada com isso... Era só o que faltava!

No último livro de Jean-François Revel — "Le Rejet de l'Etat" — o jornalista francês observa que, se adicionarmos ao montante dos empréstimos o número correspondente aos créditos dos programas de ajuda concedidos ao Terceiro Mundo, obteremos total correspondente a 1% do PNB dos países ricos — montante mais do que suficiente para eliminar o subdesenvolvimento. No entanto o atraso e a miséria mostram-se mais abjetos do que nunca. Em compensação, alguns indivíduos da camarilha governante mexicana adquiriram enormes propriedades na Califórnia e na Flórida, além de elevarem a cifras inauditas os depósitos secretos no Exterior. No Brasil — não sou eu quem o digo — o Bank for International Settlements e o próprio Federal Reserve Board assinaram a emigração subreptícia de capitais em valor próximo a 80 bilhões de dólares! Na África negra, Julius Nyerere, da Tanzânia, é dos que mais empréstimos e doações receberam. O que fez? Promoveu uma reforma agrária inepta e "ideológica", desorganizando a produção local de gêneros. Pois muito bem, quanto pior sai o país, mais fortalece a sua posição, alicerçada sobre crescente demagogia nacionalista.

Esperemos que o prudente e lúcido sr. Tancredo Neves compreenda não ser possível eliminar o subdesenvolvimento atribuindo-lhe causas imaginárias. O honrado estadista e seus colaboradores de boa fé deveriam ler, agora, o livro do venezuelano Carlos Rangel intitulado, na edição francesa, "Les Tiers Monde et l'Occident". "A ideologia terceiro-mundista", diz o ilustre escritor, "é um golpe baixo nos povos pobres, pois ela constitui barragens às críticas e, portanto, à correção da política dos governantes desses países e contribui, por isso mesmo, a perpetuar a pobreza."